

Da experiência de assistir a “Insetos”

Luis Roberto Amabile, escritor e professor

Teatro é experiência. A experiência de fazer (do artista) e de ver (do espectador) ao vivo. A experiência de fazer e ver constantemente. Um crítico, assim como um artista, cada um a seu modo, se forma pelo acúmulo de experiência. Um crítico, dizia Sabato Magaldi, é um espectador privilegiado. Íntimo com o tema. Conhecedor da arte. Que já assistiu a muitas peças. Que acompanha o trabalho de grupos. Que pode comparar, então interpretar, opinar.

E se não for o seu caso? Não mais. Não como você gostaria. E se ainda assim você se propuser a escrever uma crítica?

Mais vale então aclarar suas limitações. De onde você fala. Para então opinar.

Eu falo do ponto de vista de alguém que, por contingências da vida, viu menos teatro do que gostaria nos últimos anos e, principalmente, neste ano, neste Palco Giratório. O festival que é um desafogo para se conhecer obras de várias partes do país não me desafogou em 2018. Consegui assistir a uma única peça: *Insetos*, montagem que marca os 30 anos de atuação do coletivo carioca Cia dos Atores.

Qual a minha ideia principal sobre o espetáculo?

Duas, na verdade. A primeira ressalta aspectos positivos. Aborda assuntos prementes e diverte. A segunda questiona: mas será que sátira não dilui a força do que é dito?

Insetos parte de um texto inédito de Jô Bilac que se propõe como uma alegoria satírica do Brasil contemporâneo. Gafanhoto, louva-a-deus, cigarra, abelha, formiga, barata, mosquito, besouro, mariposa, borboleta, formiga. Os insetos ganham características humanas e suas relações representam ideias e situações – aqui sempre permeadas por chistes – que remetem à realidade atual.

Funciona?

Sim. A peça se divide em 12 quadros que se unem num panorama no qual as alusões são reconhecidas com facilidade, talvez até sejam *muito* óbvias. Mas dialogam com o público. Sabemos que as baratas representam os oprimidos, que podem se unir, porque são maioria, mesmo que isso nunca ocorra. Ou qual posicionamento político contém a pichação feita no ao vivo: Fora Dengue.

Funciona também porque, uma vez que se trata de uma peça satírica, alcança o objetivo de provocar riso. Uma representação nunca é igual à outra, claro, mas pela reação do público pode-se supor que a montagem faz rir.

Outro mérito: textos alegóricos costumam se tornar cansativos quando o receptor já se acostumou demais com a alegoria. *Insetos* escapa dessa armadilha. Quando as situações e piadas ameaçam se tornar repetitivas, a peça se encaminha para o desfecho, que, aliás, abandona a sátira e se constrói com poeticidade.

Se depois de tirar sarro das mazelas do país, sem apontar caminhos para enfrentá-las, *Insetos* insinua, na última cena, que ainda há esperança. Vide a poderosa imagem de barco balançando em meio ao oceano, levando abelhas disposta a reconstruir a sociedade.

Algumas palavras sobre a direção: O convite a Rodrigo Portella, 41 anos, – assim como a escolha do texto de Jô Bilac, 34 –, pode ser visto como um bem-vindo elo entre gerações, afinal ambos eram crianças quando a Cia dos Atores foi fundada. Portella, que ganhou renome por *Tom na fazenda* (também em cartaz no 13º Palco Giratório), soube deixar os atores utilizarem seus dotes técnicos. Há, por exemplo, um preâmbulo à ação dramática no qual Susana Ribeiro canta com propriedade *Janelas Abertas Nº 2*, de Caetano Veloso, cuja último verso é: “Mas eu prefiro abrir as janelas pra que entrem todos os insetos”. Da mesma forma, na construção do personagem louva-a-deus, Marcelo Olinto usa sua habilidade corporal e uma espécie de dança com bastão incorpora-se às cenas.

Em três décadas, a Cia dos Atores se pautou por um teatro que mistura experimentalismo e apelo ao público. O padrão se mantém em *Insetos*, mas a montagem me fez indagar: será que a sátira não dilui em demasia a força do que é dito?

Em 2000, ainda sob a batuta do diretor-fundador Enrique Diaz, a Cia dos Atores encenou *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade. Na ocasião, um crítico (Macksen Luiz, do Jornal do Brasil), escreveu que o espetáculo se mantinha “no plano morno do deboche e do retrato da vulgarização do espetáculo da vida nacional”. Em menor grau – *Insetos* vai além do plano morno –, a observação se aplica à montagem do texto de Jô Bilac. A peça reflete e conversa com o que está acontecendo neste momento no Brasil, mas o modo como o faz – uma sátira, às vezes exacerbada – talvez não seja tão contundente como poderia.